

Centro de Estudos Florestais

O engenheiro florestal na prevenção e combate aos incêndios rurais

A floresta e os seus proprietários

Fernando Oliveira Baptista

Instituto Superior de Agronomia

11. Abril .2018

I. Rural, floresta, agricultura : um percurso

II. A floresta e os seus proprietários

I. Rural , floresta, agricultura: um percurso

- 1. A ocupação agrícola e florestal do território. A primeira metade do século XX**
- 2. Depois dos anos 60/70**
- 3. “Não há um país inteiro”**

1. A ocupação agrícola e florestal do território . A primeira metade do século XX

❖ Espaço agrícola e florestal do Continente. 1000 hectares

Área	1902/10	1951/56
Agrícola	3777	4762
Florestal	1957	2750
Incultas	2723	562

❖ População agrícola e agricultura

População activa agrícola	em 1950, estava ao mesmo nível do final do século XIX
Gado de trabalho	mais 320 mil cabeças de 1906 até 1940
	cultivo de mais de 920 mil hectares
Tecnologia	crescente difusão de adubos, fitofármacos, sanidade animal, sementes e animais melhorados
	evolução dos instrumentos aratórios, debulha mecânica
	melhoria nos processos de transformação dos produtos agrícolas
	(ainda sem a motomecanização)
Produto agrícola	crescimento acentuado de 1890 a 1950

❖ A constituição da floresta 1875 -1939. Continente. 1000 hectares

	1875	1910	1939	Acréscimo 1875-1939		
				Total	Estado	Proprietários
Pinhal	210	430	1161	951		900
Montado	370	783	1050	680		680
Total	640	1957	2467	1827	≈ 50	

❖ Os pinhais e as economias domésticas e agrícolas

madeiras	casas
	palheiros, currais, carros de tração animal, alfaias
	rendimento (vender)
resina	rendimento
lenhas, pinhas, carumas	cozinha
	aquecimento
	forno do pão, matança do porco
matos	estrume

- ❖ o montado de azinho e a rentabilidade, com pouco risco. do *porco de montanheira* (Balabanian, 1980)

- ❖ o montado de sobro (Natividade, 1950)
 - “A crescente procura da cortiça...”
 - “ a técnica suberícola portuguesa, esboçada já no meado do século XXVIII, generaliza-se até ao fi do século XIX à grande maioria dos sobreirais alentejanos:”

2. Depois dos anos 60/70

❖ 1950/1970: os anos da ruptura

População activa agrícola	diminuiu de um terço de 1950 para 1970
Difusão crescente da motomecanização e dos químicos agrícolas	muito maior aumento dos salários e das tecnologias tradicionais do que da motomecanização e dos químicos agrícolas

❖ Depois dos anos 60/70: as grandes tendências

Agricultura	intensificação da utilização da tecnologia químico-mecânica
	continua diminuição da população (e do trabalho) agrícola
	forte redução da área agrícola cultivada, mas crescimento do produto agrícola
Rural	peso crescente (e hoje largamente maioritário) dos rendimentos não agrícolas (salários, pensões e reformas) na economia da população rural
	a agricultura deixou de hegemonizar a utilização do espaço rural
	melhoria das condições de vida

- As condições de vida e de produção, relacionadas com a floresta

televisão, meios de comunicação	
rede de estradas	
saneamento básico	
eletrificação	
gás (botija)	lenhas, pinhas e carumas
frigorífico e outros aparelhos domésticos	
alfaias e equipamentos agrícolas de origem industrial	
casas e construções rurais passam a ser construídas com materiais industriais	madeiras
adubos	matos (estrumes)
	crise na resinagem

- Espaço agrícola e florestal. 1000 hectares

Área	1951/56	2009/10
Agrícola	4762	2055
Floresta	2750	3155
Incultos	562	2912

- A floresta 1939-2010. 1000 hectares

	1939	1984	2010
Pinheiro bravo	1161	1351	714
Eucalipto		243	812
Sobreiro	690	680	737
Azinhreira	526	534	331
Outras	256	234	561
Total	2467	3042	3155

- ❖ O declínio do pinheiro bravo está associado à sua separação da agricultura e da vida quotidiana das famílias
 - ◆ a lógica da utilização das árvores e das matas dissociou-se da lógica produtiva e da economia doméstica das famílias
 - ◆ as bouças e as matas deixaram de estar integradas nos sistemas de produção agrícola e já não eram necessárias para a economia doméstica das famílias
 - ◆ o pinheiro bravo estava integrado numa economia agrícola e doméstica que se transformou
 - ◆ não tem rentabilidade; o que vai persistindo está associado a uma opção patrimonial dos seus proprietários

- ❖ o eucalipto avançou em espaços abandonados pelos cultivos agrícolas e que se haviam convertido em matos, e também substituindo o pinheiro bravo
- ◆ é uma floresta que se **constituiu separada** dos sistemas de produção agrícola e das economias domésticas
- ◆ corresponde ao objectivo dos proprietários de obterem rendimento
- ◆ nas zonas que lhe são propícias tem rentabilidade
- ❖ a agricultura e as economias domésticas já não utilizam a floresta, ou seja, **a floresta está dissociada do rural e da agricultura**

- ❖ o montado de azinho e a crise do porco de montanha (Balabanian, 1985)
 - a peste suína africana, desde 1957
 - a crise económica do porco de montanha associada à ruptura provocada pelo êxodo dos anos sessenta e pela transformação tecnológica da agricultura

- ❖ o montado de sobro, a rentabilidade da cortiça e os apoios da PAC

3. “Não há um país inteiro”

- ❖ A **floresta está dissociada da agricultura** (mesmo da familiar), e da economia e da vida quotidiana do rural
 - ◆ emergiu a figura do proprietário florestal (anos 80)
 - ◆ as aldeias são realidades distintas da floresta
- ❖ A **agricultura deixou de hegemonizar a economia e a vida do rural**, apesar da importância territorial da agricultura familiar
- ❖ No Centro, no Interior e no Alentejo a **quebra demográfica** impôs-se e tudo indica que vai prosseguir
- ❖ “Não há um país inteiro”: **A ≠ FI ≠ R**
- ❖ O tema dos **incultos**

II. A floresta e os seus proprietários

- 1. A floresta é indissociável dos seus proprietários**
- 2. Estado, floresta e sociedade: articular as lógicas e interesses dos proprietários com as expectativas da sociedade**
- 3. Gestão e economia da floresta: qual o modelo?**

1. A floresta é indissociável dos seus proprietários

- ❖ Os proprietários da floresta
 - o peso diminuto da floresta pública
 - a relevância dos proprietários florestais individuais e dos baldios

- ❖ A lógica económica dos proprietários florestais
 - não são “irracionais”, “atávicos”, . . .
 - decisões e opções, possíveis e desejáveis, nos contextos em que são tomadas; em muitos casos, a melhor opção pode ser “não fazer nada”
 - podem, é certo, não ser as desejáveis para o conjunto da sociedade (questão a que se volta mais adiante)

	Tipos de proprietário				
	<i>Propriedade</i>	<i>Trabalho</i>	<i>Exploração</i>	<i>Investimento</i>	<i>Empresa</i>
Pelo menos um investimento (% nº)	0	0	100	100	99
Pelo menos uma interve. Produtiva (% nº)	0	100	100	0	100
Pelo menos uma produção (% nº)	68	90	90	92	98
Corte ou descortiçamento com critério rentabi. (% nº)	68	76	60	78	96
Rendimento (R) ou património (P) (maioria dos proprietários)	P	R	R	R	R
Floresta é ≤10% do rendimento (% nº)	86	82	81	65	50

		Tipos de proprietário				
		<i>Propriedade</i>	<i>Trabalho</i>	<i>Exploração</i>	<i>Investimento</i>	<i>Empresa</i>
Principal espécie florestal		Pb	Pb	Eu	Eu	Sb
% do nº de proprietários	< 1 ha	48	37	24	18	13
	≥ 1 ha e < 5 ha	36	41	41	34	20
	≥ 5 ha e < 20 ha	12	16	26	30	22
	≥ 20 ha	4	6	9	18	45

- ❖ Os proprietários e a floresta: alguns exemplos (M.J.Canadas e A.Novais)
 - adesão às ZIFs
 - predisposição para se associarem para a prevenção de incêndios
 - adesão a um plano de prevenção de incêndios da iniciativa da GNR, em Alcanena e Porto de Mós (V. Louro)
 - a adesão actual à limpeza das matas

- ❖ As políticas florestais e de ordenamento do território não podem ignorar as lógicas dos proprietários florestais
 - os PROFs
 - os baldios e os Serviços Florestais
 - a perspectiva dominante, desde o século XIX, na silvicultura portuguesa: floresta pública; grande dimensão; discurso e prática ignoram lógicas e interesses dos proprietários florestais privados

- ❖ A floresta é uma realidade social e económica e não um espaço a *colonizar*

2. Estado, floresta e sociedade: articular as lógicas e interesses dos proprietários com as expectativas da sociedade

❖ Funções da floresta

	Período		
	1875 – anos 60	anos 60 a 90	depois de 90
Produção	+++	+++	+++
Ambiente	++		+++
Lazer e recreio			+
Sistemas de produção agrícola	+++	+	
Simbólica			++

- ❖ Compatibilizar as lógicas e interesses dos proprietários com os objectivos da sociedade, atendendo às economias da floresta e às falhas de mercado
 - políticas e iniciativas públicas
 - o caso da agricultura: medidas agro-ambientais; apoio ao rendimento

- ❖ O desenho e aplicação das políticas e iniciativas públicas têm de fazer-se com:
 - ***entidades vagas e indefenidas*** que – com frequência – pairam na legislação
 - o Estado, via **ICNF**
 - **os proprietários, as suas associações e outras iniciativas locais que os congreguem**

3. Gestão e economia da floresta: qual o modelo?

- ❖ O debate que tem acompanhado as propostas para *criar uma nova floresta* tem tido três silêncios
 - o mercado da madeira (características, funcionamento, peso relativo dos intervenientes, preços, . . .)
 - condições de viabilização e de fracasso de alguns casos (com grande dimensão): Pinhal de Leiria; áreas baldias geridas pelo ICNF; fundos florestais com capitais públicos
 - qual o modelo de floresta que se propõem apoiar os que *culpam* o pequeno proprietário florestal

❖ Sobre o modelo (I)

- que espécies
- que modelo de silvicultura
- qual a dimensão (ou dimensões)
- quais os critérios para avaliar a viabilidade do modelo
- em que zonas se aplica
- qual o investimento e o capital para a exploração
- de onde vem o dinheiro

❖ Sobre o modelo (II)

- desvendado e comprovado este modelo – e indicado de onde vem o dinheiro para o aplicar – os proprietários florestais, em especial os de pequena dimensão, serão seguramente **os primeiros a aderir, como vêm evidenciando outras situações e iniciativas**
- ... e a aderirem também às formas de associativismo necessárias para o concretizarem
- a questão, não é propalar comentários e opiniões sem se indicar como se podem concretizar (quem, como, onde, com que dinheiro)
- a verdadeira questão é evidenciar o modelo e indicar/assegurar as condições para a sua concretização e funcionamento